AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Autora: Silda Aparecida de Oliveira Marques
Orientadora: Profª Esp. Tatiane Ferreira Garcia

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Autora: Silda Aparecida de Oliveira Marques
Orientadora: Profª Esp. Tatiane Ferreira Garcia

"*Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, AJES Faculdades do Vale do Juruena, como requisito parcial na obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia".*

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Esp. Carine Silvestrim Hermes

_____

Professor Mestre Francisco Leite Cabral

_____

Professora Esp. Tatiane Ferreira Garcia

ORIENTADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente Deus. Que me deu forças e me possibilitou estar aqui presente em mais uma conquista de minha vida.

Agradeço a todos que diretamente e indiretamente contribuíram para minha formação acadêmica e profissional.

DEDICATÓRIA

À todos os professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento de todos os trabalhos.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

À todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender a trajetória da literatura infantil. Para tal, parte-se da história do público para qual é destinada esta literatura: as crianças. Buscou-se delinear como era visto o universo infantil no meio social (no mundo e no Brasil) através dos tempos. Em seguida, este estudo buscou o conceito de literatura infantil, seu surgimento, a literatura infantil nacional, bem como os principais autores e obras. A temática da literatura infantil na escola também permeia as páginas desta pesquisa, pois considera-se que acontece no ambiente escolar os contatos mais profundos com a literatura infantil. Observa-se que nem sempre a criança e a literatura infantil foram vistos como na atualidade. Ressalta-se que o percurso da literatura infantil na vida da criança é de suma importância, seja ela voltada para o cunho didático, seja para entretenimento ou possibilidade imaginativa para a criança.

Palavras-chave: Literatura infantil, criança, escola, professor.

ABSTRACT

This research sought to understand the history of children's literature. To this end, it is part of the history of the public for which it is intended this literature: children. Attempted to outline how was the child's universe of vision in the social environment (in the world and in Brazil) over time. Then, this study the concept of children's literature, its appearance, the national children's literature, as well as the main authors and works. The theme of children's literature in school also permeates the pages of this research, it is considered that the school environment is the deeper contacts with children's literature. It is observed that not always the child and children's literature were seen as today. It is noteworthy that the course of children's literature in the child's life is very important, whether it is directed toward the didactic, whether for entertainment or imaginative possibility for the child.

Keywords: Children's Literature, child, school, teacher.

Ah! Tu, livro despretensioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade imortal. ***(Cecília Meireles).***

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crianças no Brasil.....18
Figura 2 - Trabalho infantil - EUA.....19
Figura 3 - Obras de Monteiro Lobato.....28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: LITERATURA PARA CRIANÇAS 12
2.1 A CRIANÇA NO BRASIL 13
2.2 A CRIANÇA E O TRABALHO INFANTIL 16
3 O QUE É LITERATURA INFANTIL? 21
3.1 O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL 22
3.2 SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL 24
3.3 MONTEIRO LOBATO: O NOME DESTAQUE DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA 26
3.4 AMPLIAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL ANOS DE 1920 A ATUALIDADE 30
4 A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA 34
4.1 COMO TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA 38
5 METODOLOGIA 41
6 CONCLUSÃO 42
REFERÊNCIAS 44

1 INTRODUÇÃO

As crianças por longo tempo não foram vistas e percebidas pela ideia que se tem atualmente, de seres em desenvolvimento, com respeito à suas respectivas fases, com especificidades físicas, mentais, neurológicas, emocionais. No decurso da história, em um longo período, as crianças não receberam a atenção da sociedade, de pesquisadores, filósofos, pais, crenças, quanto às particularidades que dizem respeito aos termos *criança, infância, adolescência.* Por vezes, a faixa etária, o sistema imunológico, a taxa de mortalidade, os esforços demasiados em trabalhos infantis, e outros, são os fatores que percorreram os caminhos da história da criança. Esta, passa de um adulto em miniatura dos tempos remotos, para um contexto histórico com leis que visam protegê-la e proporcionar garantias de educação.

No Brasil, não diferente de outros países, as crianças desde o nascimento enfrentaram desafios, como, o alto índice de mortalidade, abandono da mãe (às vezes involuntária) e família, “terceirização” da criação e educação (passado dos pais para os escravos), exploração do trabalho infantil sob parte de uma sociedade que visava lucros, sobretudo no período industrial, entre tantos percalços que devem ser abordados nesta pesquisa, mesmo que de maneira breve, pois está ligada à temática que envolve observar a criança, sobretudo pelo viés educacional. Assim, a história da educação da criança brasileira anda atrelada à própria história da criança, ou seja, da visão que se teve dela historicamente.

Do enfoque da criança, elucida-se sobre a literatura infantil. Para tal, o delineamento da pesquisa divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, como um plano introdutório, aborda-se algumas considerações históricas sobre a criança. No segundo capítulo as questões voltam-se especificamente para a literatura infantil. Já no terceiro e último capítulo, a literatura infantil é destacada no viés escolar e os componentes que pertencem a ela, a criança, o professor e os livros infantis. Para esta pesquisa os autores principais são Mary Del Priore (1999), no ajuntamento da contextualização histórica, Bamberger (1995) sobre leitura, Zilberman (1986/2005), Goés (1991), Meirelles (1979), em relação às temáticas da literatura infantil, entre outros autores.

O objetivo fundamental da pesquisa é analisar como a literatura infantil é percebida na escola, para isso, busca-se inicialmente compreender quais são as características deste tipo de literatura que diferenciam-na das demais literaturas, de modo que a proposta é atingir o público infantil. Os objetivos específicos limitam-se em observar a criança no contexto histórico, a educação voltada à criança e a literatura infantil neste contexto, para entender como se deu o processo de percepção da literatura no passado e na atualidade no ambiente escolar.

As perguntas que este estudo propõe são: Como surgiu a literatura infantil? Como a literatura infantil é percebida no ambiente escolar? Qual a contribuição da literatura infantil no ensino?

A pesquisa justifica-se pela importância em levantar informações acerca de um tipo de literatura que tem se mostrado tão recente no Brasil. Com a formação atual das diversas tecnologias que atingem o envolvimento infantil, sendo que a criança da atualidade está em constante contato com redes sociais, jogos, informações, desde muito cedo por meio de referências tecnológicas como *tablets*, celulares, computadores, etc. Neste sentido, compreender como a literatura infantil está aliada à educação e leitura em sua formação particular, por meio de livros e histórias, é interessante um fluxo de pesquisa em que se possa refletir sobre a literatura e as maneiras de abordar a literatura para as crianças na escola.

2 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: LITERATURA PARA CRIANÇAS

Antes de falar em Literatura infantil, em literatura para crianças, é importante saber um pouco sobre a trajetória da criança em sociedade, tendo em vista que em tempos passados não havia uma visão de infância como se tem atualmente, sendo assim, não havia literatura voltada especialmente para as crianças.

Nascimento (2006, p.22) explica que recentemente, em nosso século, a literatura infantil era considerada como “um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento)”. Neste viés, segundo o autor, é bem recente a valorização da literatura infantil, “como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades”.

A desvalorização da literatura infantil pode estar ligada ao contexto histórico de desvalorização das especificidades da própria criança quanto indivíduo diferente do adulto. Por isso, é importante compreender como era vista a criança em sociedade partindo de pressupostos históricos.

A criança nem sempre foi observada pela humanidade pelo olhar que se conhece atualmente. A criança sempre existiu na sociedade, parece óbvio dizer que todos já foram crianças, no entanto, o conceito de criança e infância nem sempre estiveram interligados durante a história humana. Por volta do século XV e XVI, os termos *criança* e *infância*, não existiam. Por longo tempo as crianças eram tratadas como adultos menores, ou seja, adultos em miniatura. (ARIÉS, 1981, p.156).

Falar sobre a criança no contexto histórico, sobretudo nos séculos XIV, XV e XVI, de acordo com Silva (2011) é remontar períodos em que a imagem da criança era custodiada pela falta de atenção, e sem os cuidados e tratamentos específicos à idade infantil. A sociedade, os pais, a religião, não eram habituados a levar em consideração a faixa etária e fases de desenvolvimento das crianças.

A visão que se teve da criança durante a história conta com diversas imagens, na Idade Média, por exemplo, ou alto índice de mortalidade juntamente com implicadores sociais como, doenças, falta de cuidados médicos específicos, crenças religiosas, entre outros, marcam a história da criança. (SILVA, 2011).

> Devido à situação de fome, miséria, tragédia e a falta de saneamento básico pelas quais as pessoas da Idade Média viviam, a taxa de mortalidade infantil era muito alta. A morte de uma criança não era recebida com tanto sentimento e desespero como acontece hoje. Rapidamente a tristeza passava, e aquela criança era substituída por outro recém-nascido para cumprir sua função já pré-estabelecida. Constata-se que a mortalidade infantil na Europa medieval, mesmo entre ricos e pobres, mostra o relativo descaso pelas crianças. (SILVA, 2011, p.03)

Além disso, as crianças que conseguiam sobreviver, já assumiam responsabilidades adultas a partir do momento em que poderiam trabalhar. Neste sentido, Silva (2011) explica que a criança passava da infância à vida adulta muito rapidamente, praticamente sem viver a fase de adolescência.

Em momentos diferentes da história humana a criança foi sendo vista de diferentes maneiras e inserida de diferentes formas na sociedade, como, na Revolução Industrial com a criação de fábricas, na Europa, as crianças e mulheres passaram a assumir trabalhos que antes só eram desempenhados por homens. Neste contexto, outro ponto pode ser observado: o trabalho infantil, assim, crianças com pouca idade já assumiam trabalhos exercidos também por adultos, e isso se estendeu por longos anos na história da criança. Estes trabalhos incluíam colheita de algodão, fábricas de vários tipos, e outros trabalhos. (SILVA, 2011).

Explica Silva (2011) que no século XVI para o XVII, na Europa, começam a perceber a criança como um ser diferente do adulto. Surge um “sentimento de infância”, mesmo assim, ainda não é uma consideração à criança como conhecemos hoje, e sim um sentimento de que a criança era uma espécie de “entretenimento” ao mundo dos adultos. Já no século XVIII as ideias sobre as particularidades da criança já estavam bem disseminadas em diversas partes do mundo.

Quando os primeiros resquícios de novas ideias começaram a surgir na Europa, (a partir do século XVI), de acordo com Silva (2011), estava ocorrendo a colonização do Brasil, assim, certamente que estas ideias da Europa também embarcam para o Brasil, bem como os costumes, valores, conceitos, etc.

2.1 A CRIANÇA NO BRASIL

No período de Colonização do Brasil a visão que se tinha da criança era muito diferente da visão atual, do que a criança deveria ter e ser. Tanto a formação

familiar indígena que habitavam no país quanto a formação familiar proveniente dos portugueses negligenciavam a infância se comparados à imagem atual. (SILVA, 2011).

A realidade dos descasos históricos do país para com as crianças reforça que a visão que se tinha dos infantes no passado difere muito da visão que se tem na atualidade.

> Resgatar a história da criança brasileira é dar de cara com um passado que já se intui, mas que se prefere ignorar, cheio de anônimas tragédias que atravessaram a vida de milhares de meninas e meninos. O abandono de bebês, a venda de crianças escravas que eram separadas de seus pais, a vida em instituições que no melhor dos casos significavam mera sobrevivência, as violências cotidianas que não excluem os abusos sexuais, as doenças, queimaduras e fraturas que sofriam no trabalho escravo ou operário foram situações que empurraram por mais de três séculos a história da infância no Brasil. (DEL PRIORE, 1999, p.05).

No Brasil, do período Colonial, o índice de mortalidade infantil era muito alto devido a diversos fatores, como por exemplo as doenças, as condições ruins da saúde, o desconhecimento da prejudicial falta de higiene e cuidados específicos com as crianças, entre outros. Conforme Del Priore (1999) se a criança conseguisse sobreviver até a idade que pudesse trabalhar, já era considerado um adulto.

Mas vale ressaltar que antes mesmo da colonização no Brasil a estrutura familiar indígena, já mostrava que o trabalho e função da criança eram exercitados desde muito pequenos. (DEL PRIORE, 1999).

As crianças de etnias indígenas, pelos relatos históricos salientados por Del Priore (1999), eram chamados de *curumins.* Estas crianças, por volta da idade de cinco anos, já auxiliavam no plantio, colheita, caça, pesca, limpeza, a tecer redes, por exemplo, e recebiam instruções e executavam tarefas diárias dentro da família indígena. O papel de meninas e meninos era diferenciado em algumas funções. Já no período de escravidão indígena, as crianças indígenas também eram submetidas a trabalhos relacionados às famílias dos portugueses. A miscigenação ocorrida entre brancos e índios, bem como massacres de etnias e abandono, foram motivos que deixaram muitas crianças órfãs, inclusive foram criados locais em que estas crianças passaram a ser acolhidas, (juntamente com outras crianças órfãs) pelos jesuítas. Estes ainda, viam nas crianças indígenas a oportunidade de começar do princípio

das gerações a evangelizar e “adestrar” os índios, que eram considerados sem hábitos morais.

Já as crianças dos escravos negros, também passaram a desenvolver trabalhos de servidão às famílias de brancos desde muito pequenas. Neste período, de acordo com Del Priore (1999, p.38) “o filho da escrava é olhado como escravo em redução, somente diferente do escravo adulto que mais tarde será, pelo tamanho e pela força”. Até os três anos o filho da escrava poderia, teoricamente, acompanhar a mãe brincando, após esta idade, a criança passa a ter maior contato com a comunidade escrava, e a desempenhar trabalhos e comportamentos sociais em relação aos seus senhores.

Conforme trazem os registros da autora Del Priore (1999), era por volta da idade de sete e oito anos que as crianças migravam para responsabilidades de escravo, prestando serviços regulares, ora para quitar as “despesas” que o seu senhor tivera com ele, ora para repor os “gastos” da mãe escrava. Estes serviços da criança negra variavam desde se portar como mensageiro do seu dono, ajudar as mulheres em afazeres, ser carregador de encomendas, ou para servirem de distração às crianças da família, isso, raro quando não eram tiradas do convívio das mães e vendidas para outra família e serviam para prestar serviços regulares. (DEL PRIORE, 1999, p.376).

Há registros históricos de que as crianças negras sofriam maus tratos constantes, pois para os senhores os castigos vinham para “ensinar” desde novo a obediência e servidão ao seu dono.

Ainda de acordo com Del Priore (1999), há poucos registros da participação do pai escravo destas crianças, no entanto relatos expressivos de filhos ilegítimos com as escravas, que acabavam fornecendo mão de obra ao senhor e alguns poucos registros de filhos de senhores que receberam liberdade ou parte de herança. Além das crianças nascidas no Brasil, que assim que consideradas jovens eram comercializadas pela corte e senhores de fazenda, acontecia o comércio de uma quantidade expressiva de escravos oriundos da África, assim, estas crianças eram trazidas e vendidas, já que estas acabavam ocupando menos espaço nos navios e comiam menos, gerando menos despesas.

Mesmo após o período escravocrata, o que se tem notícia é que as crianças de imigrantes também viriam a ter o mesmo destino de trabalho infantil no Brasil. Famílias inteiras que vieram de outros países, como os italianos, veem a oportunidade do sonho de “fazer a américa” no Brasil, contudo, logo viriam perceber as condições exaustivas de trabalho, e para complementar a renda familiar os filhos passavam a trabalhar, seja na zona rural, seja na zona urbana. As crianças ainda passaram por longos anos sem serem reconhecidas pela sua infância. (DEL PRIORE, 1999).

2.2 A CRIANÇA E O TRABALHO INFANTIL

De acordo com Dourado (2009), com o desenvolvimento dos grandes centros urbanos no Brasil do período do século XVIII, na medida em que muda o contexto social adulto, seguem os afazeres atribuídos ao público infantil. As crianças negras ou não negras, escravas ou não escravas, passaram a migrar das fazendas para o território urbano com as famílias, onde eram admitidas em trabalhos que deixam claro a exploração do trabalho infantil.

> Entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, várias indústrias se utilizaram, em terríveis condições de trabalho, da mão-de-obra infantil. Os jornais da cidade de São Paulo publicavam anúncios buscando trabalhadores-mirins, a fim de empregá-los em atividades que exigissem as mãos delicadas de crianças ou mesmo apenas pela vantagem de pagarem salários mais baixos. (DOURADO, 2009, p. 16).

Como se vê, sejam como entretenimento, escravas ou exploradas, as crianças podem ser visualizadas por muito tempo como adultos prematuros em suas responsabilidades sociais e de trabalho.

De acordo com Del Priore (org. 1999, p. 112), os estabelecimentos industriais em São Paulo, por exemplo, nesse período, empregavam crianças nos mais diversos trabalhos, assim, produtos como “alimentos e bebidas, tecidos e chapéus, cigarros e charutos, vidros e metais, tijolos e móveis, entre uma série de produtos fabricados” eram fruto do trabalho de crianças, que eram inseridas nesta responsabilidade como se fossem adultos, sem respeito às suas particularidades e necessidades.

No período da Revolução Industrial no Brasil, os pequenos passam a assumir, na mais tenra idade, trabalhos em fábricas, indústrias. Silva (2011) explica que nas fábricas, “além da inserção do trabalho da mulher constata-se a presença de crianças que representava mãos-de-obra baratas, disciplinadas e com baixo poder reivindicatório”.

No Brasil, as crianças de classes mais abastadas estudavam enquanto que as crianças negras e pobres trabalhavam. Esse reverso de classes de acordo com a situação financeira de suas famílias também é responsável por outras diferenças entre as crianças menos favorecidas, desde a maneira como eram criadas, os costumes, as brincadeiras, as atividades cotidianas que muitas vezes acompanhavam o mundo adulto. (DEL PRIORE, 1999).

Não raros eram os acidentes que aconteciam e eram inclusive noticiados em jornais. De acordo com Del Priore (org. 1999), as máquinas causavam mutilações em crianças, sendo que nas notícias publicadas da época, as crianças acabavam recebendo a responsabilização do acidente, ora pela “falta de experiência”, ou “descuidos” durante o trabalho, ainda, uns sob a justificativa de que tais desatenções poderiam ser atribuídas pelos impulsos do desejo em brincar.

Não que os jornais da época defendessem o trabalho infantil, mas servem de registro para constatar que, ao que indica, os verdadeiros responsáveis pelos ferimentos e amputações de membros infantis não eram responsabilizados.

Figura 1 - Crianças no Brasil
Fonte: http:// historiadesaopaulo.wordpress.com

As demandas sociais e interesses econômicos após a Revolução Industrial provocaram muitas mudanças em todo mundo e houve a inserção de crianças no mercado de trabalho, em diversos países no mundo. Adiante segue imagens reais, nos EUA, de crianças desempenhando trabalhos dos mais diferentes tipos:

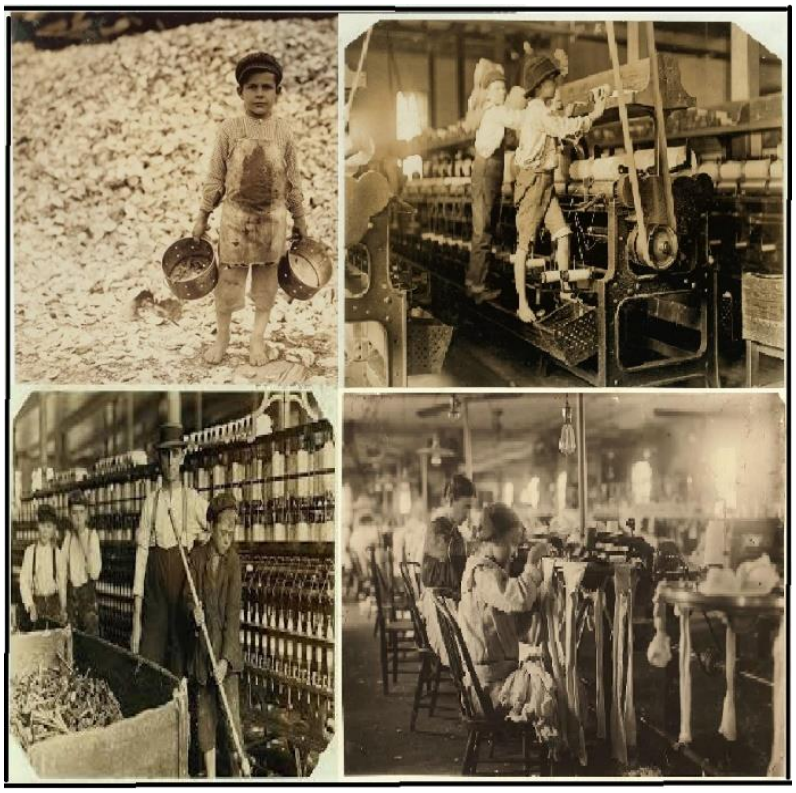

Figura 2 - Trabalho infantil - EUA
Fonte: http://hypescience.com

Em alguns trabalhos crianças muito pequenas trabalhavam lado a lado, sem que as particularidades infantis fossem levadas em consideração. Os trabalhos variavam, e as crianças trabalhavam lado a lado com os adultos e como os adultos.

As jornadas de trabalhos eram longas e os salários muito inferiores ao trabalho masculino adulto. Observa-se que as crianças tinham as vestes como as de adultos, não havia vestimentas específicas ao público infantil como se tem hoje. O comportamento das crianças também era naturalmente inclinado ao adulto.

O quadro de trabalho infantil, no entanto, passa a ser visto como exploração, sob os novos conceitos sobre a infância e a criança que passam a ser objeto de estudo. Na Europa a partir do século XVIII, XIX, a criança começa a ser vista como criança em suas particularidades, o que se vê, é que as crianças passam a receber mais atenção, e tornam-se tema e possibilidades de estudos e observações. (SILVA, 2011).

No Brasil, o quadro de proibição da exploração do trabalho infantil teria maior aporte a partir da Constituição de 1988, quando é criado o Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, é a primeira vez no país que a criança passa a ser vista

como um sujeito de direitos. Com isso começam a ser vistos com mais atenção, e denunciados, casos de exploração e violência contra a criança e ao adolescente. (DOURADO, 2009, p.17).

É importante ressaltar que um dos aspectos que tirou as crianças do trabalho infantil no Brasil foi a escola. A partir do instante em que as crianças passaram a frequentar as escolas, o tempo dedicado à educação passou à livrá-las do trabalho.

Como se vê, a criança foi vista ao longo da história, por muito tempo como um adulto em miniatura, não haviam iniciativas voltadas à criança, e, neste sentido, também não havia uma literatura específica a este público, ou seja, uma literatura que correspondesse à faixa etária, fases e interesses das crianças.

3 O QUE É LITERATURA INFANTIL?

Literatura é denominada como uma das artes humanas. É uma das artes de fundamental importância no desenvolvimento do indivíduo, pois tem como base a palavra, a reflexão.

De acordo com Coutinho (2000, p.52), como toda arte, a literatura é “uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”. Sendo assim, é uma arte que manifesta no ser humano os pensamentos.

A criança naturalmente já possui uma capacidade imaginativa, então, pode-se dizer que o campo da literatura para a criança é um terreno fértil.

Nos livros infantis há bem mais ilustrações e cores que os demais livros literários. As histórias são criadas para envolver as crianças e despertar a imaginação e o pensamento, e estes, são elementos essenciais na formação do indivíduo.

É importante destacar que o livro que corresponde à literatura infantil, possui algumas particularidades que o diferencia dos demais tipos de literatura.

Para Goés (1991, p.23) o livro infantil possui alguns elementos que precisam ser observados, como: o assunto e, a adaptação à idade da criança. Em relação ao assunto, a autora salienta que os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância, que correspondam ao mundo da criança e os interesses delas, além de que, levem em conta as condições de vida da criança e a diversidade de regiões e países. Assim, é importante que estes livros facilitem as descobertas infantis e a entrada social e cultural no mundo dos adultos, fornecendo elementos de julgamento também. Outro fator preponderante é que os livros levem em consideração a idade e cada fase infantil, respeitando o desenvolvimento psicológico, intelectual e espiritual da criança leitora.

A autora ainda ressalta que os livros infantis devem ser artísticos, atendendo às exigências estéticas de sua produção, de modo a agradar não só crianças como adultos. A apresentação e a ilustração também são fatores importantes, os livros deveriam “procurar perfeição gráfica”, qualidade de composição, espaçamento, tipos

claros de letras, tamanho, número de páginas de acordo com seus pequenos leitores, entre outros.

A história da literatura infantil está diretamente ligada à história do conceito de infância. Como já mencionado, a criança foi vista por muito tempo na história como adultos em miniatura, neste sentido muitos elementos infantis, como a literatura infantil, só passam a surgir a partir do instante que o conceito de adulto em miniatura começa a sofrer mudanças. Deste modo, é importante reconhecer como se deu historicamente o surgimento da literatura infantil, o percurso histórico até os dias atuais.

3.1 O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Há controvérsias entre diversos autores sobre o surgimento da literatura infantil. Lúcia Pimentel Goés, no livro *Introdução à literatura infantil e juvenil,* (1991), mostra uma visão interessante do percurso da criança e da literatura infantil. Para Goés (1991) o surgimento da literatura infantil se dá já nas histórias orais, (antes mesmo do surgimento do livro), que eram contadas e repassadas entre os adultos, para o público adulto, mas que a criança também ouvia. E ainda, que com o surgimento do livro impresso, algumas crianças tiveram acesso à leitura mesmo que de livros para adultos.

Assim, Goés (1991) discute que a literatura já esteve presente na vida das crianças, antes de existir uma literatura em livros específica para elas, pois registros históricos indicam o acesso da criança aos livros, por escolha da criança e não necessariamente por imposição do adulto. Vale lembrar, no entanto, que nem todas as crianças teriam acesso aos livros, já que a leitura era restrita, sobretudo a um público mais abastado. Houve um tempo em que as crianças nobres liam clássicos e as crianças pobres lendas e contos folclóricos.

Neste sentido, Goés (1991) discorda que a literatura infantil tenha surgido apenas a partir do século XVIII na Europa, quando a criança passou a ser observada em suas particularidades infantis no mundo e quando alguns autores esforçaram-se por criar histórias direcionadas ao público infantil, mas que a literatura teria surgido antes, devido sua participação na literatura, seja inicialmente como ouvinte e depois

como leitora. O fato é que a literatura escrita especialmente para crianças é posterior às histórias orais que eram contadas às crianças.

Cecília Meireles, (1979) também trata da literatura oral como uma literatura infantil que precede o livro, ou seja, histórias, contos, fábulas, que eram contadas oralmente por gerações, para a autora constituem uma literatura, que embora não estaria voltada particularmente ao público infantil, reitera que as crianças ouviam as mesmas histórias e, assim, “se nutria a criança, antes do livro, recebendo-a como um alimento natural nos primeiros anos da vida” (p.45-46).

De acordo com Meireles (1979, p.46) do valor “desta literatura, primitivamente oral”, a propósito, surgem muitas das histórias escritas, baseadas ou transcritas para os livros, mesmo que à princípio, estas histórias eram “destinadas a homens, não a crianças”, pois até então não se tinha chegado a diferenciar nestes tempos ainda a criança do adulto, como já comentado anteriormente que a criança foi vista durante longo tempo em sociedade como uma adulto em miniatura (séculos XV, XVI).

Já Cunha (2006, p.22) diz que a literatura infantil, delineia-se a partir do século XVIII, quando a criança passa a ser vista como um ser diferente do adulto.

Lajolo e Zilberman (2007) explicam que na Inglaterra, por volta da primeira metade do século XVIII, é que surgem no mercado as primeiras obras literárias especificamente produzidas para o público infantil. Inicialmente os contos de fadas eram produzidos para o público adulto, mas depois passaram a ser adaptadas ao público infantil. Os elementos folclóricos também eram adaptados em obras para a leitura das crianças.

São as fábulas que deram origem a literatura infantil, estas fábulas eram contadas de geração em geração. Assim, as primeiras produções para a literatura infantil são provenientes de fábulas de adultos, que eram contadas pelas mães, avós e repassadas principalmente no ambiente familiar. (CARDOSO, 1999).

Lajolo e Zilberman (2007) explicam que as primeiras obras infantis produzidas por autores foram: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. Estes são

apontados como os principais nomes do surgimento de uma literatura voltada para as crianças na Europa, por volta do século XVIII.

As autoras ressaltam que já no século XIX os irmãos Grimm, em 1812 editam a coleção de contos de fadas que, “dado o êxito obtido, converte-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças” (2007, p.20).

Estes irmãos escreveram histórias que são conhecidas até hoje (embora haja importantes alterações atualmente das histórias originais), como: *A branca de Neve e os sete anões*, *João e Maria,* entre outros. (CARDOSO, 1991, p.26).

Outros escritores surgem com grande importância, como Hans Christian Andersen, nos seus *Contos* (1833), produziu textos conhecidos como: *Soldadinho de chumbo, O patinho feio.* Lewis Carroll, em *Alice no país das maravilhas* (1863), Collodi, em *Pinóquio* (1883), e James Barrie, em *Peter Pan* (1911). (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, CARDOSO, 1991).

O que vale saber, de fato, que estes autores que deram origem à literatura infantil na Europa, foram fontes importantes para os primórdios da literatura infantil brasileira também, já que, inicialmente, alguns destes contos e fábulas foram traduzidos e passaram a fazer parte da literatura no Brasil.

3.2 SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Na Europa, a literatura infantil surgiu de encontro com a mudança de pensamento social em relação a criança, por volta do século XVIII, já no Brasil a literatura infantil especificamente, ou seja, voltada especialmente para as crianças é bem mais tardia. De acordo com Lajolo e Zilberman (2007), no Brasil é só a partir do século XIX para o Século XX que surgem alguns textos voltados ao público infantil, não muito expressivo.

As autoras apontam que há a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural.* No entanto para as autoras, essa produção não é suficiente para configurar uma literatura infantil.

Outros nomes que merecem destaque são Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel e João Ribeiro, que se encarregam, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Jansen traduz: *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celebérrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901). Já Pimentel, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen que são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896). E João Ribeiro fez, em 1891, a tradução do livro italiano *Cuore.* (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007).

Já Cardoso (1991) aponta que entre os escritores que se preocuparam com a literatura infantil no Brasil, podem-se destacar Francisca Julia e Olavo Bilac. A escritora Francisca Julia, poeta parnasiana, dedicou dois livros às crianças: *Livro da infância* e *Alma infantil,* ressalta-se que seus poemas que incluíram as crianças apresentavam didatismo, supervalorizando o estudo para a criança. Já Olavo Bilac, em 1899, publica um livro escolar: *Livro de composição e Livro de Leitura* e escreveu outra obra intitulada *Teatro Infantil.* Olavo Bilac seria um poeta, mas que produziu obras didáticas que tinham como enfoque os valores tradicionais, morais, religiosos, patrióticos.

A literatura infantil no Brasil, inicialmente era adaptada, traduzida e reciclada de materiais didáticos. Para Cunha (2006), as adaptações pedagógicas que começam a compor a literatura infantil no Brasil, revela a dependência típica do Brasil, já que eram adaptações de produções portuguesas. Traduções de obras estrangeiras eram feitas, adaptações em obras existentes. Neste contexto, a influência dos livros didáticos liga a literatura infantil inicial no Brasil às escolas.

As primeiras obras e autores da fase inicial da literatura infantil no Brasil são: Carlos Jansen (*Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusoé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*), Figueiredo Pimentel (*Contos da carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*). (CUNHA, 2006, p.23-24).

O autor ainda ressalta que, na verdade, apesar dos esforços iniciais para compor uma literatura infantil no Brasil, a literatura genuinamente brasileira surge com Monteiro Lobato, que desenvolve uma “obra diversificada quanto a gêneros e

orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens que percorrem e unificam seu universo ficcional.” (Cunha, 2006, p. 24).

De acordo com Zilberman

> É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional o que acorre pela invenção do Sítio do Pica Pau Amarelo. (ZILBERMAM , 1981, p. 48).

A autora afirma que o papel de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira foi e continua sendo reiterado dada à sua importância nacional, em ter transformado esta literatura.

3.3 MONTEIRO LOBATO: O NOME DESTAQUE DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

É de consenso entre muitos pesquisadores que Monteiro Lobato tenha sido realmente o precursor da literatura infantil brasileira.

Monteiro Lobato, escritor brasileiro, nasceu em Taubaté, São Paulo (1882-1948), sendo jornalista dos mais atuantes, advogado, promotor, fazendeiro, contista, tradutor. Publicou contos em jornais e revistas, sendo que, posteriormente, reuniu uma série deles em Urupês, obra prima do escritor. (CARDOSO, 1991, p.44).

Monteiro Lobato foi o criador da Editora Monteiro Lobato, assim tornou-se editor e passou a editar livros no Brasil em uma época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa.

Quando Monteiro Lobato era criança, ao visitar a casa do avô, o visconde de Tremembé, se encantava com os livros ilustrados na biblioteca. Wladir Dupont, na coletânea da *Obra Infantil Completa Monteiro Lobato*, discorre sobre a vida do escritor. Segundo Dupont, quando criança Monteiro Lobato teve um contato muito particular com a natureza na fazenda do seu avô. Destas experiências é que brotariam elementos importantes na literatura infantil, povoada de características sobre a natureza, frescor úmido das matas, troncos musguentos e imaginário fantástico. (LOPES, 2012).

A mãe de Lobato era professora e o ensinou a ler, mais tarde frequentou as escolas particulares em Taubaté. No Colégio Paulista era colaborador do jornal estudantil *O Guarany*. Já em 1896, matricula-se no Instituto Ciências e Letras, e colabora nos jornais “O Patriota” e “A Pátria” até que funda seu próprio jornal H2O, produções estas que já mostram o escritor que desponta em Monteiro Lobato desde muito jovem.

Quando seus pais morreram, (o pai morreu com 48 anos e um ano depois sua mãe faleceu com 39 anos), o jovem Lobato tinha entre 15 e 16 anos e passou a viver com o avô e foi obrigado por ele a matricular-se no curso de Direito, e assim, em 1900 ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo, mas o que ele queria mesmo era ir para a Escola de Belas Artes. (LOPES, 2012).

Em 1904, Monteiro Lobato se forma e retorna para Taubaté. Fica noivo de Maria Pureza, e casa-se com ela em 1908, um ano depois de assumir o cargo de promotor na cidade de Areias. Em 1911 morre seu avô, Lobato transforma-se num grande proprietário rural e muda-se com a esposa e seus três filhos para a fazenda do avô. (LOPES, 2012).

Monteiro Lobato dedica-se a escrita, publica o livro de contos *Urupês*. Este livro de contos surgiu dos textos já escritos por Lobato em revistas e jornais. Cria o personagem Jeca Tatu em seus textos trazendo vários problemas do Brasil, como o saneamento e depois outras doenças como malária, doença de chagas, sífilis, tuberculose. A princípio, em tom didático, Lobato descreve a doença, sua gênese, desenvolvimento e consequências. No ano de 1921, Lobato se apresenta pela primeira vez na literatura infantil com *A Menina do Narizinho Arrebitado* que passa a agradar muito as crianças, assim, numa edição de 50 mil exemplares. Com este sucesso, o governo do Estado adquire grande parte dos livros para distribuí-los gratuitamente nas escolas. Depois escreve *O Saci*, *O Marquês de Rabicó, Fábulas*, e *Jeca Tatuzinho* que vende muito também. Monteiro Lobato muda-se para o Rio de Janeiro. (LOPES, 2012).

Teixeira (2005) resume as principais obras de Monteiro Lobato: R*einações de Narizinho* (1921), e os livros: *O Saci* (1921), *Viagem ao Céu* (1932), *Histórias do Mundo para Crianças* (1933), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Emília no País da Gramática* (1933), *Geografia de D. Benta* (1935), *Memórias de Emília* (1936), *Serões de D. Benta* (1937), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *O Minotauro* (1937), *O Poço*

do Visconde (1937), *A Chave do Tamanho* (1942) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944).

Figura 3 - Obras de Monteiro Lobato
Fonte: www.Brasilescola.uol.com.br

A obra de Monteiro Lobato pode ser desdobrada em alguns aspectos. Primeiro ponto, que as obras apresentam um caráter em que o objetivo é o ludismo, o divertimento, levando à criança doses de fantasia e de imersão no maravilhoso. Como por exemplo, na obra *Reinações de Narizinho* (*Narizinho Arrebitado* inicialmente), possui onze histórias com personagens marcantes, a obra insere-se num espaço e tempo míticos, cuja transição do plano real se dá de forma mágica. Em segundo ponto que as obras destinam-se à transmissão de conhecimentos, ou podem ser chamadas de obras didáticas. E o terceiro ponto, obras citadas, que seriam obras em que Lobato adaptou ou traduziu de outros autores. (CARDOSO, 1991).

O fato é que a literatura produzida por Monteiro Lobato torna-se referência por ter rompido com a condição pedagógica dos textos destinados às crianças nos séculos XIX e XX. (CARDOSO, 1991).

Outras inovações trazidas por Monteiro Lobato, de acordo com Moraes (2013) é que o escritor adota uma linguagem mais simples, coloquial, que se aproxima da fala infantil. Nas narrativas de Monteiro Lobato, aparecem elementos do espírito curioso, crítico e criativo da criança.

Ainda de acordo com Moraes (2013), outra novidade trazida pelo escritor Monteiro Lobato são as ilustrações. Antes do escritor as obras possuíam figuras de pouca expressividade, não havia uma preocupação com imagens que chamassem atenção das crianças.

De acordo com Nascimento (2006, p. 19) Monteiro Lobato é o precursor de uma literatura infantil crítica: “se preocupa em debater temas públicos, normalmente circunscritos ao mundo adulto, de forma a serem facilmente apreendidos pelas crianças”.

A autora também comenta que Monteiro Lobato traz novas configurações à literatura brasileira ao se utilizar de:

> [...] humor para desmistificar uma série de pseudoverdades; do folclore brasileiro e o trabalho relacionado à fantasia/realidade; e não podemos esquecer do uso de uma linguagem coloquial bem característica da infância (invenção de palavras). (NASCIMENTO, 2006, p.19).

Nascimento (2006, p.19) explica que além destas inovações percebe-se que Monteiro Lobato era “extremamente nacionalista, inimigo de ideias, crenças e valores que favorecessem a manutenção do *status quo*, vago defensor, em teoria de ideias socializantes contra o obscurantismo autoritário do poder”. Mas a autora também defende que o escritor Monteiro Lobato também possuía ideias que eram “um tanto quanto liberais, como a crença no desenvolvimento econômico capitalista para a resolução dos problemas brasileiros, na democracia etc”.

A narrativa das obras de Monteiro Lobato é apontada como uma linguagem simples, mas profunda, capaz de transportar o leitor no universo da obra.

> No interior de suas obras, Lobato faz acontecer as coisas mais absurdas com toda a naturalidade: sem explicar, sem justificar, sem dizer como foi que aconteceram. Assim, logo no início da saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo, é com muita naturalidade que o narrador onisciente, onipresente e onividente dessa história, que começa ”à beira da água” – um rio um tanto indeterminado e indefinido existente no Sítio – leva o leitor para o caminho

> do encantamento, onde não há diferença nem separação entre o real e o imaginado. (ESCOSTEGUY, 2016).

Os personagens de Monteiro Lobato tornaram-se marcantes e desde então suas produções têm sito apreciadas ainda hoje. A produção literária deste escritor é um marco da literatura infantil no Brasil.

3.4 AMPLIAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL ANOS DE 1920 A ATUALIDADE

Garcia e Facincani (2016) explicam que com a obra Reinações de Narizinho, em 1921 por Monteiro Lobato, há um sucesso entre o público infantil e vendas. É com Monteiro Lobato que inicia-se uma transformação na literatura infantil, já que as obras que antecedem a este escritor tinham um cunho majoritariamente didático, e, Lobato desmistificou conceitos ao desenvolver uma literatura que também servia para outras atividades, como o entretenimento, por exemplo. Para isso dispôs de uma linguagem narrativa e ilustrações que se aproximaram do universo infantil. Sobretudo, uma das maiores contribuições do escritor pauta-se no sentido de que novos horizontes se abriram em relação à literatura infantil e outros escritores passam a dedicar algumas obras às crianças.

Nos anos 30 e 40, o pensamento positivo em relação à escolarização e a propagação da leitura, abre espaço para a literatura infantil no Brasil. Mesmo que ainda houvesse a imposição de valores morais aos leitores, pode-se observar as produções de alguns escritores como: José Lins do Rêgo com *Histórias da Velha Totonha* (1936), Graciliano Ramos com *A Terra dos Meninos Pelados* (1944), Érico Veríssimo e *As Aventuras do Avião Vermelho* (1936), Viriato Correia com *Cazuza* (1938). (MORAES, 2013).

Ainda nos anos 40 dá-se a expansão das histórias em quadrinhos, novelas de aventura, narrativas policiais e de detetives, influenciadas por Sherlock Holmes. (MORAES, 2013).

Nos anos 40 a obra de Monteiro Lobato começa a ser proibida em boa parte dos colégios religiosos por ser considerada nociva à formação moral das crianças. (GARCIA e FACINCANI, 2016).

Entre as décadas de 40 e 50 no Brasil, a literatura infantil conta com grande produção literária, já que as editoras aparecem mais presentes no Brasil. E assim, se dá a presença de outras obras importantes: Lúcia Machado de Almeida *No Fundo do Mar*, (1943); Maria José Dupré *A Ilha Perdida* (1946); Francisco Marins *Nas Terras do Rei Café*, (1945). Estas obras possuem um caráter pedagógico no sentido ambiental. Já nos gêneros ficção científica e romance policial que atraem crianças e jovens até hoje, citamos o pioneiro Jerônimo Monteiro *A Cidade Perdida* (1948).

Nos anos 50, a literatura infantil ganha uma nova roupagem, pois parece servir como leitura de entretenimento, para competir com a evolução televisiva. Garcia e Facincani (2016) atribuem esta mudança do pensar a literatura infantil ao advento da televisão.

Na década de 70 no Brasil, começam a surgir na literatura infantil nacional, novas propostas renovadoras. Acontece o auge da literatura infantil nacional que até então não havia.

Garcia e Facincani (2016, p.16) explicam que os assuntos sobre literatura infantil começam a ganhar espaço e “pensa-se na inclusão de cursos de literatura infantil nas universidades; os textos de literatura infantil passam a ser estudados nos cursos de pós-graduação”.

Neste período, a literatura infantil aparece como um mercado vantajoso de vendas para crianças, já que o interesse pelos assuntos infantis tem ganhado maior atenção. De acordo com Albino (2016, p.28) “a consolidação do gênero literatura infantil, tanto na perspectiva concreta da produção e consumo, como no plano interno, nas formas e conteúdo desses livros”.

> Uma nova maneira de compor personagens; enredos que incorporam a temática urbana, propondo uma fusão entre o social e o individual; a valorização da linguagem oral, fazendo com que o discurso deixe de ser modelar; e o espessamento do texto infantil enquanto discurso literário, abrindo-lhe a possibilidade de auto referenciar-se ao incluir procedimentos metalinguísticos e intertextuais como a fragmentação da narrativa, a participação do leitor e o rompimento da linearidade por meio da utilização do fluxo da consciência. (ALBINO, 2016, p.10).

Como se vê começa a ganhar mais proporções os estudos e produções, os olhares voltam-se mais para a literatura infantil no Brasil.

Nos anos 70 houve uma explosão da literatura infantil brasileira, já que a literatura diversificou-se e ampliou suas temáticas. Entre os nomes importantes que o autor destaca na literatura dos anos 40 aos 70 estão: Érico Veríssimo, Lúcia Machado de Almeida, Odette de Barros Mott, Francisco Marins, Isa Silveira Leal e outros. (CARDOSO, 1991).

Já Moraes (2013) destaca outros escritores e obras importantes, como: Lygia Bojunga *A Casa da Madrinha*, e *Corda Bamba* (1978), além de três livros independentes: *Um encontro, Fazendo Ana Paz e Paisagem*. O escritor Bartolomeu Campos Queirós com *O Peixe e o Pássaro* (1974). Surge Clarice Lispector com quatro obras para crianças. E outros escritores como Ganymedes José, Ruth Rocha, Ziraldo, Sérgio Caparelli, João Carlos Marinho, Vivina de Assis, Joel Rufino, Lucia Pimentel Góes, entre outros.

A partir dos anos 80, há diversas tendências na literatura infantil nacional. Muitas obras propiciam o estímulo ao olhar, imaginação, relações do cotidiano, realidade, entre outros. Destacam-se alguns escritores como: Luis Camargo, Pedro Bandeira, Tatiana Belynki, Ricardo da Cunha Lima, Lino Albergaria, Marina Colassanti, Mirna Pinski, Regina Chamlian, Elias José, Eva Furnari, Eliardo França, Rogério Borges, (MORAES, 2013).

Já na atualidade, entre os escritores que ganham destaque são Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado. Mas há muitos escritores atualmente que se dedicam à Literatura Infantil.

As produções literárias atuais destacam propostas que incluem a interatividade do leitor. Alguns autores sugerem a linguagem da informática ou temas bem atuais em seus livros.

Coelho (1991) explica que atualmente não existe um tema absoluto na literatura infantil, pois há vários temas, vários tipos de temáticas que os escritores têm desenvolvido. Mas o autor delimita alguns temas que podem ser mais marcantes em boa parte da produção literária atual.

Uma das características da atualidade é a Literatura Realista, é um tipo de literatura que propõe a realidade, ou seja, informam valores, costumes, hábitos cotidianos do momento atual. Há também a literatura fantasia, é um tipo em que predominam elementos de um mundo maravilhoso, poético que provém da

imaginação, do sonho, da ludicidade. Outro aspecto atual é a literatura híbrida, em que há uma mistura entre coisas reais que as crianças conhecem cotidianamente, mas com elementos mágicos, inesperados. (COELHO, 1991).

4 A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

A literatura já se manifestou como recurso pedagógico no decurso da história da humanidade antes mesmo do período histórico da impressão de livros e sua inserção no ambiente escolar.

De acordo com Meireles (1979) através dos séculos repercutiu a ideia de ensinamento útil de histórias, que podem ser consideradas como literatura infantil. Ou seja, os contos de cavalaria, fábulas e outros gêneros, tanto orais quanto escritos, desempenharam em várias épocas uma função instrutiva, moralizante, preventiva, que buscavam alertar para as “ciladas do mundo” (p.51).

Meireles (1979) comenta que algumas histórias visavam “salvar os homens, contando-lhes essas histórias, que são exemplos morais para fortalecimento da alma” em que não há problema humano “que não encontre solução em algumas delas” (p.51).

A crítica atual tem apontado que a literatura infantil na escola contribui em vários setores na vida da criança, como, o aprimoramento da leitura, ampliação de vocabulário, possibilitar a imaginação, motivar a interpretação autônoma e a criatividade da criança, entre tantos outros.

A leitura de livros infantis fortalece os vínculos com a aprendizagem, apresenta várias possibilidades à criança, muitas descobertas de mundo. Mas para que a criança desenvolva a leitura de livros infantis é importante cativar o gosto pela leitura. Para a autora Goés (1991, p. 27) é importante “fazer amar a leitura, para que o leitor se sinta o protagonista do seu aprendizado”.

De acordo com Goés (1991, p.27), o contato da criança com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, “não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmicos.” Goés (1991, p.28) também explica que “o hábito pela leitura ajudará na formação de opinião e de um espírito crítico – principalmente a leitura dos livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece”.

De acordo com Paulino (2012, p.07) a literatura infantil “é uma fonte saudável de alimento para a imaginação infantil”. Assim, incentivar a leitura desde

cedo às crianças por meio da literatura voltada para elas é fundamental. A autora ainda ressalta que a literatura na sala de aula é uma aliada do professor.

Zilberman (2005, p.25) esclarece que é importante que os professores trabalhem diariamente com a literatura infantil, pois “a narrativa para crianças, representa um elemento imprescindível, para aguçar a criatividade infantil e despertar a arte na criança”.

É muito importante que o professor conheça a literatura infantil para que possa conduzir a criança para este universo. O professor não é obrigado a ler todas as obras literárias, mas é importante que o professor informe-se e planeje suas aulas de modo a estimular a leitura, além disso, o professor pode não gostar de ler certas histórias, no entanto, é imprescindível que não bloqueie a oportunidade de seus alunos de conhecerem o universo da literatura.

Risso (2007, p.05) explica que:

> O professor deve ter claro que a literatura é ludismo, fantasia, imaginação e questionamento e que esses fatores estarão enriquecendo o ato de ler. E que essa qualidade revelam a literatura com uma forte aliada do professor, para levar o aluno a compreender o mundo real, assim como o aprendizado seja ele escrito ou oral. Compreender a importância da literatura e administra-la bem aos alunos; leva o professor a executa uma proposta transformadora da educação.

Sabe-se que trabalhar a literatura infantil na sala de aula nos dias atuais pode não ser tarefa fácil, pois as crianças cada vez mais têm acesso a inúmeras ferramentas tecnológicas, *tablets*, celulares, notebooks, que de certa maneira tiram o espaço dos livros infantis. Martins e Souza (2013, p. 10) afirmam que “na era da tecnologia e do mundo digital parece não ser mais interessante pegar um livro para ler, falar sobre ele, discutir a história, comentar sobre seus personagens, se indignar com as atitudes de alguns e se apaixonar por outros”.

Sabe-se que atualmente as crianças têm à sua volta muitos recursos de entretenimento que podem dispersá-la do contato com o livro, mas vale a pena pensar na infância como uma idade em que é propício o contato com o universo do livro.

Neste sentido Meireles (1979, p.96) ressalta que:

> Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.

As crianças têm um tempo livre que as coloca frente à possibilidade de desenvolver a leitura, em casa, na escola. É o período da vida em que não têm obrigações adultas e podem aproveitar seu tempo à leitura de literatura. Assim, desde cedo a criança pode ser incentivada à conhecer a literatura, antes mesmo de aprender a ler. E, antes de aprender a ler, ela precisa de um adulto que desempenhe este papel de fazer com que a criança entre em contato com o universo dos livros, contando as histórias.

Neste mesmo viés, o papel da escola também se apresenta como parte importante para conduzir a criança ao mundo da literatura infantil. Esta literatura propõe várias contribuições no desenvolvimento da criança, e nas aprendizagens no período escolar.

A literatura infantil, pode auxiliar em vários aspectos na aprendizagem da criança, como o desenvolvimento da leitura, escrita, comunicação, ampliação de seu vocabulário, desenvolvimento da imaginação, entre outros. (MEIRELES, 1979).

Nas séries iniciais, antes mesmo que as crianças saibam ler, o professor pode utilizar a literatura infantil, contando as histórias para seus alunos, para despertar o interesse pela aprendizagem da leitura. As figuras dos livros e o colorido incentivam a criança a usar a imaginação.

Nascimento (2006, p.16) explica que a criança que tem contato com a literatura infantil “terá uma compreensão maior de si e do outro. Terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca”.

Nascimento (2006, p. 15) diz que a criança deve ter acesso à literatura, pois assim, se dá a chance para a criança associar e harmonizar a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas e desejos imaginários. A autora completa que “a proposta da literatura infantil é que seja desenvolvida a emoção, a sensibilidade, a imaginação e a fantasia da criança”.

> A literatura infantil é, antes de tudo, literatura ou arte, fenômeno de criatividade que representa a vida, o mundo, a realidade. Ela enriquece a imaginação da criança, oferece-lhe condição de criar, ensinado-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade. (NASCIMENTO, 2006, p.15).

É importante a literatura infantil no universo da criança. Este tipo de literatura é produzido especialmente para as crianças, sendo assim, possui elementos que estimulam a criança. A escola como um ambiente educativo, é também um local importante para aliar a literatura infantil às práticas educativas, uma complementando a outra.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2007) há uma ligação entre escola e literatura infantil:

> Os laços entre a literatura e a escola começaram desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 18)

Como se vê, as autoras salientam a participação da escola em relação a promover e estimular a literatura entre as crianças.

Para Paiva e Oliveira (2010) no Brasil, a Literatura Infantil e a escola sempre estiveram mutuamente atreladas, assim, “os livros infantis encontram na escola, o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores, mesmo que estes sejam utilizados como leitura obrigatória e usados como pretextos utilitários, informativos e pedagógicos”.

Hunt (2010, p. 21) no seu livro *Crítica, teoria e Literatura Infantil,* em dado momento questiona “Por que estudar literatura infantil?”, e na sequência supõe sua resposta: “porque é importante e divertido”. Neste sentido, o autor propõe que a literatura infantil deve ser vista não apenas em seu caráter educativo, mas também volta-se à importância de uma leitura que seja prazerosa. O autor ainda acrescenta que:

> Os livros para crianças tem, e tiveram, grande influência social e educacional. São importantes tanto em termos políticos quanto comerciais.

> São discretamente reconhecidos como um “tipo” de texto em diversos países do mundo. (...) Do ponto de vista histórico os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária, e bibliográfica. Do ponto de vista contemporâneo são vitais para a alfabetização e para a cultura (...). Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som. (HUNT, 2010, p.21).

Desta forma, os livros infantis já têm um valor reconhecido. Assim, devem se fazer presentes na escola, mas não apenas estar presentes, em prateleiras de bibliotecas, mas fazer parte da vida das crianças. Para tal, é interessante que se dedique na escola um espaço adequado para o contato das crianças com os livros infantil, um local agradável de se estar, com tempo suficiente para que a criança possa se dedicar à escolha e leitura do livro.

4.1 COMO TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Martins e Souza (2013, p. 10) explicam que o trabalho com literatura na sala de aula tem sido motivo de várias discussões “seja pelo modo como este vem sendo desenvolvido (métodos e técnicas de ensino) seja pelas associações de “passividade”, “divertimento”, que este tipo de material pode trazer ao público leitor”.

A maneira como o professor vai trabalhar a literatura infantil em sala de aula é cheia de possibilidades. De acordo com Meireles (1979) o professor pode levar em consideração o manuseio da crianças com os livros, não ter medo de que este contato vai amassar ou estragar os livros, pois as crianças estão em processo de aprendizagem.

Assim, a autora reforça a ideia de que o bom livro infantil é aquele que a criança escolhe, que a criança aprecia, levando em consideração que o livro infantil é escrito por um adulto, mas é a criança que tem a liberdade de decidir sobre a qualidade do livro. Ela é participativa no processo de inserção da literatura em sua vida. Assim, o professor precisa levar em consideração também a escolha da criança, o professor pode levar os livros para a sala de aula e deixar que elas escolham o que ler, ou pode levar as crianças para a biblioteca da escola para que elas visualizem os livros e possam escolher.

Outra questão que pode ser levada em consideração é a característica imaginativa da criança, assim, o professor pode se apropriar disso, ler as histórias,

ou deixar que as crianças leiam e interrogá-las durante a leitura, fazê-la imaginar situações. (NASCIMENTO, 2016).

Outro recurso na leitura de um livro é o professor instigar seus alunos a observar as ilustrações dos livros, isso torna a leitura mais lúdica. O professor pode propor também que as crianças encenem a história que leram, ou o professor mesmo pode montar materiais que tornem a leitura lúdica, pode usar fantoches, figuras, sons e outros. Os recursos a serem utilizados pelo professor são inúmeros, no entanto, é importante que a escola possa disponibilizar os livros e materiais ao professor. É importante o empenho de todos para apresentar a literatura à criança. (NASCIMENTO, 2016).

Outra prática que pode ser adotada pelo professor é a “contação de histórias”, ou seja, o professor é quem vai contar as histórias dos livros aos seus alunos. Essa pode ser uma das primeiras práticas para inserir a literatura infantil no cotidiano das crianças na escola, já que pode ser adotada antes mesmo da criança aprender a ler. Contar histórias é uma prática essencialmente humana. Em diferentes povos, diferentes épocas, diferentes culturas, se tem registros desta prática de contar histórias, reais, fictícias, lendárias, mitológicas, instrutivas, moralizantes, enfim, é prática presente na vida humana. Cecília Meireles explica que:

> O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionam. E por eles se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensáveis à vida. (MEIRELES, 1979, p. 41).

Mas em relação às histórias infantis, contá-las às crianças seria diferente de outras práticas de contar histórias? O público infantil, como se sabe atualmente, é diferente do público adulto, assim, os interesses infantis são diferentes dos interesses de um adulto. Neste sentido, é importante que o professor mostre entusiasmo na leitura, procure motivar os alunos a ouvi-lo, com entonação de voz ou expressões faciais.

Mas como é a maneira adequada de contar histórias à uma criança? De acordo com Meireles (1979, p.95), existe uma receita americana de como contar história a uma criança:

> Toma-se uma pessoa ou um animal, que se põe em movimento. Em determinada direção. Pelo caminho, irão aparecendo objetos, paisagens... A criança que ouve a história estimulará o talento do narrador... E assim se chegará ao fim. Um fim agradável, naturalmente, com a vitória do Bem sobre o Mal.

É interessante esta receita de contar história para criança do ponto de vista da criatividade e possibilidade de participação da criança.

Contar histórias, orais ou escritas, clássicos ou contemporâneas, salienta-se a importância da literatura no ambiente educativo. A escola, os pais e o professor são as partes mais próximas da vida da criança neste processo de inserção da literatura, que é capaz de oferecer inúmeras vantagens à vida da criança. (MEIRELES, 1979).

Como se vê, as diversas fontes teóricas supracitadas mencionam o caráter de importância em incluir a literatura infantil na vida das crianças. O ambiente escolar é propício para que a literatura infantil seja inclusa, já que é um ambiente de aprendizagem, contato com leituras, possibilidade de interpretar e soltar a imaginação infantil. Sobretudo o professor tem um papel importante neste processo educativo e interativo da literatura infantil e precisa desenvolver seu planejamento considerando a importância da leitura por meio da literatura infantil, que pode ser contada pelo professor ou dependendo da faixa etária ser praticada pela criança, mas deve ser estimulada a ter contato com a literatura. (MEIRELES, 1979).

5 METODOLOGIA

O presente estudo desenvolve-se por meio de pesquisa bibliográfica, em que se pretende coletar informações de análises já existentes sobre o assunto e discutir os diversos estudos. A escolha deste tema teve motivação pela importância em considerar a literatura infantil no processo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura, sobretudo nos anos iniciais da educação da criança.

De modo semelhante Lakatos & Marconi (1992, p.66) discorrem que uma pesquisa bibliográfica abrange “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc.”.

Segundo Gil (2008, p.44) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros, jornais, revistas e artigos científicos”.

Deste modo, a presente pesquisa analisou livros sobre a literatura infantil, revistas, artigos científicos, teses e dissertações acadêmicas. Com o material encontrado, buscou-se reunir os estudos que mais tinham a ver com os principais tópicos deste trabalho: sobre criança; a literatura infantil, surgimento, conceito; e, o trabalho com literatura infantil no ensino escolar.

Fachin (2001, p.125) explica que para cumprir o sentido de desenvolver uma pesquisa bibliográfica é preciso efetuar o “ato de ler, selecionar, fichar, organizar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa em pauta”.

Após a leitura e grifo dos materiais a serem utilizados, buscou-se traçar uma escrita de assuntos com base em fontes teóricas.

6 CONCLUSÃO

Para construir uma sociedade crítica, participativa e letrada, é importante toda e qualquer atitude de prática da leitura e escrita. Para tal, é importante iniciar e praticar a leitura desde muito cedo. Neste sentido, a literatura infantil contribui para a formação do indivíduo.

Nesta pesquisa, foi possível observar que a visão que se tem da criança e infância atualmente é diferente da visão que se tinha no passado. Atualmente a criança recebe incentivos para se desenvolver, participar das atividades sociais, enfim, a criança é vista como parte integrante e futuro da sociedade.

A literatura infantil torna-se importante condutora de conhecimento, entretenimento, descoberta e formadora intelectual no campo infantil.

O adulto, deve contribuir para inicialmente apresentar a literatura para que a criança desenvolva sua leitura. Para tal, deve-se levar em consideração os livros voltados para este público, já que estes possuem elementos que respeitam o universo infantil, além de desenvolver a capacidade imaginativa, visual, e a aprendizagem da criança.

Vários escritores têm contribuído ao longo do tempo para o desenvolvimento da literatura infantil nacional. Considerado pela crítica o fundador da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato apresenta-se como um escritor de grande importância nacional, considerando suas contribuições em várias áreas. Na atualidade há vários bons escritores que podem ser explorados, conforme citado nesta pesquisa.

Lembrando que o professor em sala de aula, pode apropriar-se de livros com histórias clássicas, mas também deve levar em consideração a escolha própria da criança, seu gosto pessoal.

Para que a escola e o professor contribuam na formação intelectual da criança, o incentivo à leitura é muito importante. No entanto, esta pesquisa contribuiu no sentido da importância em conhecer o que é a literatura infantil, quais os elementos particulares deste tipo de literatura, as mudanças ocorridas no universo infantil e na literatura infantil, a maneira como pode ser vista a literatura na escola, entre outros. Porque é preciso que o professor conheça todo este contexto para que assim, possa escolher e apresentar os livros às suas crianças. Como pode um

professor que não conhece a literatura infantil ensinar com literatura infantil? Assim, percebe-se que este estudo possibilita uma amostragem sobre o universo da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAMBERGER, Richard**. Como incentivar o hábito de leitura**. Editora Ática. 6º ed. 1995.

CARDOSO, Manoel. **Estudos de Literatura Infantil.** São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** v. 01. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil:** teoria e prática. São Paulo: Ática, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

DOURADO, Ana Cristina Dubeux. **História da infância e Direitos da criança.** Revista Salto para o Futuro: Ano XIX, Nº 10, 2009.

ESCOSTEGUY, Cléa Coutinho. **Literatura de Monteiro Lobato.** ULBRA, 2016. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Literatura_de_Monteiro_Lobato.pdf.> Acesso em: 25 ago. 2016.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. FACINCANI, Eliane Fernandes. **Literatura Infantil e escola:** algumas considerações. UNIRP / UNICERES - São José do Rio Preto/SP, 2016. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf.> Acesso em: 08 set. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **A introdução à Literatura Infantil e Juvenil.** 2ª edição. São Paulo: Pioneira, 1991.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e Literatura Infantil.** Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LAJOLO, Mariza e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira:** História e Histórias**.** Editora Ática, São Paulo-SP, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Cientifico, Pesquisa Bibliográfica, Projetos e Relatórios, Publicações e trabalhos Científicos**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LOBATO, Monteiro. **Obra Infantil Completa. Vida: Wladir Dupont.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2016.

LOPES, Suellen. **A importância da Literatura de Monteiro Lobato no Ensino Fundamental.** Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SUELLEN%20LOPES.pdf.> Acesso em: 12 set. 2016.

NASCIMENTO, Zilda Helena Vieira. **A importância da literatura no desenvolvimento infantil.** Americana, 2006. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?view=20838.> Acesso em: 12 set. 2016.

MARTINS, Kelly Cristina Costa. SOUZA, Renata Junqueira de. **Literatura em sala de aula:** o duélo entre metodozição do ensino da leitura e os desafios das práticas de letramento. 2013. Disponível em: <http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2013/downloads/2013/3/70.pdf.> Acesso em: 14 ago. 2016.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 2ª edição. São Paulo: Summus, 1979.

MORAES, Maria Fernanda. **Livro Infantil:** Relembre os autores que ficaram na memória das crianças. Saraiva, 2013. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/50734.> Acesso em: 10 set. 2016.

PAIVA, Silvia Cristina Fernandes. OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Revista Cadernos de Pedagogia**, ano 4, vol. 04, n 07, São Carlos: 2010.

PAULINO, Regina Vicente da Silva. **A importância da Literatura Infantil na sala de aula.** Guarabira – PB, 2012. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1501/1/PDF%20-%20Regina%20Vicente%20da%20Silva%20Paulino.pdf.> Acesso em: 03 ago. 2016.

RISSO, Suzana Aparecida. **A importância da literatura infantil na formação do indivíduo; durante o processo de aprendizagem.** UNIOESTE, 2007. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/68%20Suzana%20Risso%201.pdf.> Acesso em: 24 jul. 2016.

SCIENCE, Hype. **Fotos chocantes revelam o triste cotidiano do trabalho infantil nos EUA no século XX.** Disponível em: <http://hypescience.com/fotos-chocantes-revelam-o-triste-cotidiano-do-trabalho-infantil-nos-eua-no-seculo-xx/.> Acesso em 25 jul. 2016.

SILVA, Eduardo Rodrigues da. A criança, a infância e a história. **Revista História e História**- UNICAMP, 2011. Disponível em: <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368.> Acesso em: 22 jul. 2016.

TEIXEIRA, Fernando Luiz. A história do ensino de Literatura infantil no Brasil: Um estudo sobre a trajetória da obra de Monteiro Lobato na escola. **Revista Nuances**, v. 12, n. 13, São Paulo: 2005.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças:** para conhecer a literatura infantil brasileira, histórias, autores e textos. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1998.